

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v15n1.1121>

Considerações acerca do místico, da inefabilidade e do silêncio como elementos de uma filosofia da religião no *Tractatus Logico-Philosophicus*

Considerations on mystical, ineffability and silence as elements of a philosophy of religion in the *Tractatus Logico-Philosophicus*

Rodrigo Pedro Mella Parmeggiani

Doutorando em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Bolsista CAPES/PROEX.

E-mail: rodrigo.parme@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0370-4380>

Resumo

O presente artigo tem por objetivo tecer considerações acerca do *místico*, da *inefabilidade* e do *silêncio* no *Tractatus Logico-Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein, em vista de identificar uma possível filosofia da religião. Para tanto, num primeiro momento é apresentada a *teoria da figuração*, que serve como pressuposto fundamental para a compreensão dos desdobramentos do presente trabalho. A teoria da figuração busca elucidar a natureza das proposições. A proposição se constitui como figuração de um estado de coisas possível, *i.e.*, uma proposição projeta seu sentido e fornece condições de verdade *V* ou *F*. Num segundo momento são apresentados os limites da proposicionalidade, a saber, as tautologias e contradições, bem como as transgressões dos limites do dizível, a saber, os contrassensos ou pseudoproposições. Por fim, a partir desses pressupostos teóricos, é apresentado os desdobramentos das teses de Wittgenstein sobre a teoria da figuração no plano do místico. O místico, para Wittgenstein, se reporta ao inexprimível. A inefabilidade de determinados temas como a lógica, a ética, a estética e Deus conduzem a uma prudente contemplação silenciosa, *i.e.*, daquilo que não se pode dizer, mas que *se mostra*. É precisamente no domínio do místico que se pode encontrar elementos de uma filosofia da religião no *Tractatus*.

Palavras-chave: Wittgenstein; Teoria da figuração; Proposição; Místico; Inefabilidade; Silêncio.

Datas:

Recebido: 24/7/2023

Aprovado: 20/5/2024

Publicado: 7/6/2024

Abstract

The purpose of this article is to consider the *mystical*, the *ineffability* and the *silence* in Ludwig Wittgenstein's *Tractatus Logico-Philosophicus*, with a view to identifying a possible philosophy of religion. To this end, the *picture theory* is first presented, which serves as a fundamental presupposition for understanding the unfolding of this work. The picture theory seeks to elucidate the nature of propositions. A proposition is constituted as a picture of a possible state of affairs, i.e. a proposition projects its meaning and provides *V* or *F* truth conditions. Secondly, the limits of propositionality are presented, namely tautologies and contradictions, as well as transgressions of the limits of what can be said, namely nonsenses or pseudo-propositions. Finally, based on these theoretical presuppositions, the unfolding of Wittgenstein's theses on the picture theory at the level of the mystical is presented. For Wittgenstein, the mystical refers to the inexpressible. The ineffability of certain themes such as logic, ethics, aesthetics and God leads to a prudent silent contemplation, i.e. of what cannot be said but is *shown*. It is precisely in the realm of the mystical that we can find elements of a philosophy of religion in the *Tractatus*.

Keywords: Wittgenstein; Picture theory; Proposition; Mystical; Ineffability; Silence.

1 Introdução

O presente artigo se constitui num estudo preliminar de certos elementos contidos no *Tractatus* que apresentam potencial para a delimitação de uma *filosofia da religião*. Expor de forma competente a filosofia da religião de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), filósofo austríaco que juntamente com Frege e Russel integra a lista de grandes contribuidores da filosofia analítica, é uma tarefa difícil. Isso se deve ao fato de que “Wittgenstein nunca desenvolveu uma explicação uniforme sobre a religião”¹. De fato, suas considerações sobre religião estão espalhadas por suas obras, e conservam um aspecto de obscuridade. O que se pode afirmar com certeza é que Wittgenstein, mesmo que à sua maneira, experienciou a religião e “[...] foi atraído por figuras religiosas não ortodoxas (Tolstoy, Kierkegaard, Tagore)”². Contudo, é importante salientar de imediato que, caso se fale de um *teísmo* em Wittgenstein, deve-se considerá-lo de um tipo não convencional, já que seu Deus não é um Deus pessoal, mas algo que se identifica com o *sentido da vida* e o *sentido do mundo*.³

O pensamento de Wittgenstein pode ser concebido a partir de duas grandes divisões que se convencionou realizar. Basicamente se atesta a existência de *dois Wittgenstein*. O primeiro tem seu *locus* nas teses do *Tractatus Logico-Philosophicus*⁴ e o segundo, na

1 WOLTERSTORFF, Nicholas. Epistemologia da religião. In.: GREGO, John; ERNEST, Sosa. *Compêndio de epistemologia*. Trad. Alessandra Siedschlag Fernandes, Rogério Bettoni. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 492.

2 GLOCK, Hans-Johann. *A Wittgenstein Dictionary*. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 1996a, p. 251, tradução nossa: “[...] was attracted to unorthodox religious figures (Tolstoy, Kierkegaard, Tagore)”.

3 *Ibid.*, p. 320.

4 WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. [Introdução de Bertrand Russell]. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020, [a partir daqui TLP].

fase posterior, situado principalmente na obra *Investigações Filosóficas*⁵. Tal divisão foi estabelecida em vista de distinguir as diferenças e as radicais mudanças de perspectiva filosófica operadas pelo autor ao longo de sua vida.

O Wittgenstein do *Tractatus* se situa na confluência de duas tradições, uma lógica e outra crítica⁶. A filosofia no *Tractatus* passa a ser definida como atividade ou crítica da linguagem⁷, inclusive interpretada por comentadores como *crítica da linguagem pura*⁸, já que a partir de um giro linguístico (*linguistic turn*), Wittgenstein torna a filosofia da linguagem a filosofia primeira, suplantando a epistemologia.⁹

Como o próprio autor expõe em seu prefácio, seu empreendimento filosófico teria resolvidos todos os problemas da filosofia; todos que existiram, todos os que existiam e todos que poderiam vir a existir. A obra pretendia demonstrar que a formulação dos problemas filosóficos repousava no mau entendimento da lógica da linguagem¹⁰. A partir disso tomou para si a tarefa de estabelecer *os limites para a expressão dos pensamentos*, que podia apenas ser traçado na linguagem¹¹. Se ultrapassados tais limites, resultariam em contrassensos.

O *Tractatus* se compõe de um conjunto de 7 aforismos. De cada um deles se segue uma série de subdivisões compostas por outros aforismos, resultando num elegante e sistematizado encadeamento. Desse conjunto, pode-se determinar quatro partes¹² que corresponde aos estágios de seu desenvolvimento. São elas: *A teoria da lógica* composta entre os anos de 1912-14; *a teoria da figuração* desenvolvida no ano de 1914; *a discussão sobre ciência e matemática* que se dá entre 1915 até 1917 e a *discussão sobre o místico* que se dá entre 1916-1917. Além dessas quatro grandes partes, o *Tractatus* pode ser dividido a partir da sua própria ordem sequencial de aforismos: 1 - 2.003 é apresentada a *ontologia* do *Tractatus*; 2.1 - 3.5 a *teoria da figuração*; 4 - 4.2 aborda-se a *atividade da filosofia*; 4.21 - 5.641 e 6.1 - 6.13 aborda-se a *teoria da lógica*; 6 - 6.031 e 6.2 - 6.241 discorre-se sobre a *matemática*; 6.3 - 6.372 explana-se sobre a *ciência*; 6.373 - 6.522 trata-se sobre o *místico*, e em 6.53 - 7 *os limites do dizível*, o desvencilhamento da *escada* e o imperativo do *silêncio*.¹³

Tecer considerações acerca de uma filosofia da religião no *Tractatus* pressupõe a perscrutação de alguns elementos e pressupostos de sua filosofia da linguagem. Por razões de escopo, interessará ao presente artigo as teses de Wittgenstein sobre a teoria

5 *Idem.*, *Investigações Filosóficas*. Trad. M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

6 SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. A essência da proposição e a essência do mundo. In.: WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Introdução de Bertrand Russell. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 11-112, 2020, p. 11.

7 Cf. TLP, 4.0031.

8 Cf. DALLAGNOL, Darlei. Ética no segundo Wittgenstein vista a partir de Loparic. *Kant e-Prints*. Campinas, Série 2, v. 5, n. 3, p. 2-13, número especial, jul.- dez., 2010, p. 6.

9 *Ibid.*

10 Cf. TLP, prefácio, p. 131.

11 *Ibid.*

12 Cf. GLOCK, *op. cit.*, 1996a, p. 364.

13 *Ibid.*

da figuração, os seus desdobramentos no plano da inefabilidade mística e o convite a contemplação silenciosa.

2 Teoria da figuração: o espelhamento linguagem-mundo

A problemática fundamental que motiva a empreitada de Wittgenstein no *Tractatus* é “Como sinais linguísticos se mantêm numa relação de significado com o mundo? ou de forma resumida: Como a linguagem é possível?”¹⁴. Nesse sentido, o que Wittgenstein pretende é delinear “[...] as condições lógico transcendentais de possibilidade da linguagem”¹⁵, por meio de uma *crítica da linguagem*, entendida aqui como *crítica da proposição*.¹⁶

Do aforismo 2.1 até 2.225 Wittgenstein introduz um conceito abstrato denominado *figuração* ou *imagem*¹⁷. Tal conceito serve de prolegômeno à fundamentação de uma das teses principais do *Tractatus*, a saber, o conceito lógico de *proposição*. Wittgenstein é assertivo ao afirmar que “Figuramos os fatos”¹⁸. Mas o que vem a ser uma figuração? Ora, a figuração é algo que se dá no ato da representação, por meio da projeção da situação possível, *i.e.*, existe uma relação projetiva entre a proposição (sinal proposicional) e o mundo, em que o método de projeção nada mais é que pensar o sentido da proposição¹⁹. Recorremos a Hacker para a elucidação:

Os nomes são *conectados* à realidade por linhas de projeção. O método de projeção é: pensar o sentido da sentença. Pensar o sentido da sentença é significar, por meio da sentença, o estado de coisas que ela representa (TLP 3.11) e, portanto, também *significar*, por meio dos nomes combinados na sentença, os objetos cuja concatenação é uma possibilidade na realidade. É da natureza das possibilidades que elas possam se concretizar, *i.e.*, ser atualizadas, ou não se concretizar, *i.e.*, não ser atualizadas. A realização de uma possibilidade é um fato positivo. Sua não atualização é um fato negativo. O que uma proposição elementar *descreve* é uma possibilidade. O que ela *diz* é que ela se realiza (é atualizada). Se as coisas são de fato como a proposição as descreve, então a proposição é verdadeira. Se não forem, então ela é falsa.²⁰

14 VON WRIGHT, George Henrik. *The Tree of Knowledge and Other Essays*. Leiden; New York; Koln: Brill, 1993, p. 32, tradução nossa: “How can linguistic signs stand in a meaning relation to the world? Or shorter: How is language possible?”.

15 PINTO, Paulo Roberto Margutti. *Iniciação ao silêncio: Uma análise do Tractatus de Wittgenstein como forma de argumentação*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 144.

16 Cf. *Ibid.*, p. 145.

17 No alemão: *Bild*.

18 TLP, 2.1.

19 *Ibid.*, 3.11; 3.12; 3.13.

20 HACKER, Peter M. S. *Metaphysics: From ineffability to Normativity*. In.: GLOCK, Hans-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 213, tradução nossa: “Names are *connected* to reality by lines of projection. The method of projection is: thinking the sense of the sentence. To think the sense of the sentence is to *mean*,

A figuração é o modelo da realidade e tem por característica singular representar objetos pelo fato de ter algo em comum a eles²¹. O conceito de figuração acaba por incluir todas as características que “[...] a concepção ortodoxa de proposição encontra na essência da representação proposicional”²². Portanto, a proposição tem por característica afigurar fatos ou, como expressa Wittgenstein, afigurar *estados de coisas possíveis*²³. Hyman assim resume a teoria da figuração:

Isso é conhecido como a *teoria da figuração do significado*. As palavras são combinadas em enunciados para formar uma *imagem* ou *modelo* de um possível estado de coisas no mundo. Se a maneira como as coisas estão organizadas corresponde à maneira como as palavras estão combinadas, então o enunciado é verdadeiro; caso contrário, é falso.²⁴

Deve haver uma espécie de relação intrínseca e essencial entre a representação (a figuração) e o fato (o afigurado possível). As proposições se caracterizam por figurarem fatos possíveis através do compartilhamento de uma mesma *forma* com a realidade, esta *forma* é a *forma lógica*. Nesse sentido, no processo de figuração da proposição temos nomes que são concatenados de uma determinada forma numa proposição, e como tal, podem, ou não, corresponder a uma possível concatenação de objetos em um estado de coisas na realidade factual. Essa relação essencial conserva o *modo de articulação* dos constituintes proposicionais na realidade factual, isto é, a *forma do fato*, a chamada *forma da afiguração*²⁵. Portanto, a forma de afiguração é comum a quem figura e ao que é afigurado; ela é o *cenário em que se desenrola o ato figurativo*. Como elucida Santos: “Toda figuração é, evidentemente, também uma figuração lógica; de qualquer espécie que seja, toda figuração correta ou incorreta, deve compartilhar algo com a realidade: sua forma lógica”²⁶. É essa mesma *forma lógica* que permitirá a combinação de nomes em proposições com sentido (*sinnvoll*), bem como de objetos em estados de coisas possíveis. Portanto, os elementos da proposição e os elementos do fato representado devem compartilhar a mesma *forma*. Como afirma Carvalho:

by the sentence, the state of affairs it depicts (TLP 3.11), and hence too, to mean by the names conjoined in the sentence the objects the concatenation of which is a possibility in reality. It is of the nature of possibilities that they may obtain, i.e., be actualized, or fail to obtain, i.e., not be actualized. The actualization of a possibility is a positive fact. Its non-actualization is a negative fact. What an elementary proposition *describes* is a possibility. What it *says*, is that it obtains (is actualized). If things are in fact as the proposition depicts them as being, then the proposition is true. If they are not, then it is false”.

21 Cf. SANTOS, *op. cit.*, p. 57. Cf. TLP, 2.16.

22 SANTOS, *op. cit.*, p. 60.

23 Cf. TLP, 2.11; 2.201; 2.202; 2.203.

24 HYMAN, John. Wittgenstein. In.: TALIAFERRO, Charles; DRAPER, Paul; QUINN, Philip L. (editors). *A Companion to Philosophy of Religion*. USA: Wiley-Blackwell, 2010, p. 177, tradução nossa: “This is known as the *picture theory of meaning*. Words are combined in sentences to form a *picture* or *model* of a possible state of affairs in the world. If the way that things are arranged corresponds to the way the words are combined, then the sentence is true; if not, then it is false”.

25 No alemão: *Form der Abbildung*. Cf. TLP, 2.15; 2.151.

26 SANTOS, *op. cit.*, p. 60. Cf. TLP, 4.12; 4.121.

Significa que os elementos da sentença e os elementos daquilo que é representado compartilham a mesma multiplicidade lógica. Uma certa combinação de nomes na sentença deve estar pela mesma combinação dos seus respectivos objetos (referentes desses nomes) nos estados de coisas possíveis. Em outros termos, como afirma Glock (2006), no *Tractatus*, a representação exige um isomorfismo lógico, a representação e o representado têm a mesma forma, sentenças elementares e fatos possíveis compartilham a sua forma de afiguração.²⁷

Não é possível simbolizar a *forma*, pois ela não é um *algo*, ela não se constitui como um elemento de um fato, *i.e.*, ela é “[...] um modo como todos os constituintes de um fato se articulam imediatamente para constituí-lo. Como tal, só existe como *modo de uma articulação em ato*”.²⁸

O conceito de figuração é, portanto, a essência da representação proposicional. Nas palavras de Von Wright: “As possíveis relações de coisas em estados de coisas e as possíveis relações correspondentes de nomes em sentenças significativas constituem a forma lógica, a essência do mundo. Assim, a essência da linguagem e a essência do mundo são uma só”²⁹. Eis o *espelhamento entre linguagem e mundo*.

3 Os limites da proposicionalidade

O *Tractatus* adota uma versão do atomismo lógico, apesar de Wittgenstein nunca ter utilizado tal terminologia³⁰. O termo *atomismo lógico* foi criado por Bertrand Russell³¹ e pode ser compreendido a partir de duas perspectivas, uma metodológica e uma metafísica. A perspectiva metodológica expressa que há um procedimento de análise lógica de proposições. A perspectiva metafísica expressa que a análise lógica revela a metafísica da realidade³². Efetuando-se tal análise lógica revelar-se-ia que “[...] o que corresponde a proposições verdadeiras são fatos atômicos, ou fatos como a obtenção de determinadas combinações de átomos lógicos, dos quais o mundo é constituído”³³. Em suma, o que o atomismo lógico ressalta é a ideia de *proposição atômica*, que se constitui como o resultado obtido ante um processo de análise lógica decomposicional. Através de

27 CARVALHO, Marcondes Rocha. Wittgenstein e a verdade. *Investigação Filosófica*. Macapá, v. 11, n. 1, p. 19-30, 2020, p. 24.

28 SANTOS, *op. cit.*, p. 60, grifo nosso.

29 VON WRIGHT, *op. cit.*, p. 32-33, tradução nossa: “The possible relations of things in states of affairs and the corresponding possible relations of names in meaningful sentences constitute the logical form, the essence, of the world. Thus the essence of language and the essence of the world are one”.

30 Cf. CHEUNG, Leo K. C. Logical Atomism. In.: GLOCK, Han-Johann; HYMAN, John. *A companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 127.

31 Cf. RUSSEL, Bertrand. *The Philosophy of Logical Atomism*. Abingdon: Routledge, 2009.

32 Cf. CHEUNG, *op. cit.*, p. 127.

33 *Ibid.*, tradução nossa: “[...] what correspond to true propositions are atomic facts, or facts as the obtaining of determinate combinations of logical atoms, of which the world is constituted”.

tal análise, chega-se a determinadas proposições que não podem mais ser decompostas, *i.e.*, atinge-se os átomos proposicionais: as *proposições atômicas*. Tal perspectiva filosófica permeia o *Tractatus* em sua totalidade.

Para Wittgenstein, pode-se identificar dois tipos de proposições, as proposições elementares (ou atômicas)³⁴ e as proposições complexas (ou moleculares)³⁵. Wittgenstein chama de proposições elementares (*Elementarsatz*)³⁶ as que são formadas por *nomes* que representam *coisas* no mundo, sendo que a relação mútua de tais nomes na sentença *figura* a relação mútua de coisas num possível *estado de coisas*³⁷. As proposições elementares podem ser representadas por um determinado símbolo, *e.g.*:

p

O símbolo acima representa qualquer proposição dotada de sentido que figura um estado de coisas possível, *e.g.*, “A caneta está em cima da mesa”. Tal proposição é elementar e figura determinado estado de coisas possível, de forma que preserva suas condições de verdade, *i.e.*, a proposição pode possuir valor de verdade verdadeiro (V) ou falso (F). Ao passo que as chamadas *proposições complexas* são construídas a partir de operadores verofuncionais³⁸, assim conectando duas ou mais proposições elementares em uma relação lógica, *e.g.*:

$p \wedge q$

O conjunto de símbolos acima representa uma proposição complexa de conjunção (ou conjuntiva). É estabelecida uma relação lógica conjuntiva entre as duas proposições elementares “*p*” (“A caneta está em cima da mesa”) e “*q*” (“A caneta é preta”). Tal proposição complexa figura o estado de coisas possível “A caneta está em cima da mesa e é preta”. Sendo as proposições complexas construídas a partir de proposições elementares, Wittgenstein assevera que as proposições complexas são *funções de verdade* (*Wahrheitsfunktion*) de proposições mais simples³⁹. Portanto, o estabelecimento definitivo de um valor de verdade de tais proposições complexas dependerá do valor de verdade determinado às proposições elementares. Ao se retomar o exemplo anterior, o valor de verdade da proposição “*p* \wedge *q*” dependerá do valor de verdade dado a “*p*” e “*q*” isoladamente, como mostra a tabela:

34 Cf. TLP, 4.21; 4.211. Cf. MORTARI, Cezar Augusto. *Introdução à lógica*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 92.

35 Cf. TLP, 4.4; 4.41; 4.411. Cf. MORTARI, *op. cit.*, p. 93.

36 Cf. TLP, 4.21.

37 Cf. VON WRIGHT, *op. cit.*, p. 32.

38 Tais como: negação (\neg), conjunção (\wedge), disjunção (\vee), implicação material (\Rightarrow) e bicondicional (\Leftrightarrow). Cf. MORTARI, Cezar Augusto. *Introdução à lógica*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p. 81-86.

39 Cf. TLP, 5.

Tabela-verdade:

p	q	$p \wedge q$
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	F

A tabela acima⁴⁰ expõe as condições de verdade logicamente possíveis das proposições elementares “ p ” e “ q ”, bem como as condições de verdade da proposição complexa “ $p \wedge q$ ”. A regra lógica do operador de conjunção “ \wedge ” assevera que uma proposição conjuntiva será verdadeira, se, e somente se, as proposições da qual é função de verdade, forem verdadeiras (como pode ser verificado na segunda linha horizontal, em que os valores de verdade foram destacados em negrito).

Desse modo a proposição complexa pode ter seus valores de verdade calculados a partir dos valores de verdade possíveis das proposições elementares distribuídos na tabela. O que faz uma proposição elementar ser dotada de sentido é precisamente a capacidade que ela tem de apresentar condições de verdade. Desse modo, Wittgenstein estabelece uma vinculação essencial entre a noção de *sentido* (*Sinn*) e a noção de *condições de verdade* (*Wahrheitsbedingungen*). Uma proposição terá sentido se, e somente se, dispor de condições de verdade. Sendo a proposição uma representação de um estado de coisas possível, o sentido de uma proposição é determinado de forma preliminar à constatação de ser ou não o caso o que tal proposição afirma, *i.e.*, a proposição *projeta o sentido*⁴¹ antes da atribuição de um valor de verdade. Desta forma são salvaguardadas as suas *condições de verdade*. A proposição elementar legítima, *i.e.*, dotada de sentido, afigura um *fato possível*. Tal fato ser ou não o caso é parte de um momento *a posteriori*. É por conta dessa característica que uma proposição pode ser dotada de pleno sentido e, mesmo assim, ser falsa. Portanto, a proposição é *independente do fato* para a instituição de seu sentido. Acerca disso esclarece Max Black:

A figuração tem um sentido (ou significado), seja ela verdadeira ou falsa, porque a concatenação de seus elementos (na figuração-fato) é logicamente possível e é sancionada pelas regras de representação que regem a figuração. Essa possibilidade garante a possibilidade lógica de concatenação das coisas significadas, ou seja, garante que a figuração pode representar um estado de coisas real.⁴²

⁴⁰ Wittgenstein elabora em 4.442 o que será posteriormente conhecido no estudo do cálculo proposicional como *tabela-verdade*. Cf. TLP, 4.442.

⁴¹ Cf. TLP, 3.11; 3.12; 3.13.

⁴² BLACK, Max. *A companion to Wittgenstein's 'Tractatus'*. New York: Cornell University Press, 1964, p. 93, tradução nossa: “The picture has a sense (or meaning), whether it is true or false, because the concatenation of its elements (in the picture-fact) is logically possible and is sanctioned by the rules of representation governing the picture. This possibility guarantees the logical

Fazendo jus à tese do atomismo lógico russeliano, Wittgenstein é peremptório ao afirmar que as proposições elementares são funções de verdade de si próprias⁴³. Isso quer dizer que o valor de verdade nesse caso é determinado por um critério *extralógico*. Como afirma Hacker: “O que pertence à análise das proposições elementares em si não é de interesse da lógica [...]. Pois todas as proposições lógicas são consequências da combinação de valores de verdade, independentemente do conteúdo das proposições elementares assim combinadas”.⁴⁴ Portanto, é preciso que a proposição elementar tenha uma propriedade já identificada por Aristóteles, a saber, ser bipolar⁴⁵, *i.e.*, a propriedade de apresentar valores de verdade *V* ou *F*. Importante ressaltar que o princípio da bipolaridade estipula que “[...] somente as proposições empíricas são significativas [...]”⁴⁶, já que são as únicas que oferecem condições de verdade.⁴⁷

Assim é determinada por Wittgenstein a estrutura geral do discurso dizível, que se traduz na seguinte tese: *Proposições têm a capacidade de figurar fatos*. As proposições elementares afiguram fatos elementares (ou atômicos). Os elementos da proposição, os nomes, têm *significado*⁴⁸, *i.e.*, se referem a objetos do fato afigurado. Já as proposições têm *sentido*⁴⁹, *i.e.*, apresentam condições de verdade em sua relação projetiva com o estado de coisas possível. Portanto, a proposição *independe* do fato afigurado para assegurar seu sentido; basta que projete a *possibilidade* de tal fato e garantirá suas condições de verdade. A determinação de seu valor de verdade é dado *a posteriori*, quando se compara a proposição e o fato descrito por ela. Será *V* se tal fato possível for o caso, e *F* se não for o caso.⁵⁰

possibility of concatenation of the things signified, *i.e.* guarantees that the picture can represent an actual state of affairs”.

43 Cf. TLP, 5.

44 HACKER, *op. cit.*, 2017, p. 215, tradução nossa: “What belongs to the analysis of elementary propositions themselves is of no concern to logic [...]. For all logical propositions are consequences of truth-functional combination, irrespective of the content of the elementary propositions thus combined”.

45 Ou *bivalente*. Cf. BARBOSA FILHO, Balthazar Aristóteles e o princípio de bivalência. *Analytica*. v. 9, n. 1, p. 173-184, 2005, p. 174. Cf. SANTOS, *op. cit.*, p. 22. Cf. ARISTÓTELES, *Da Interpretação*, 16b26-17a7. (Trad. José Veríssimo Teixeira da Mata. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 129). Peter Hacker opera uma distinção entre as duas expressões: “It is the essence of a proposition not merely to be *bivalent* (either true or false) but to be *bipolar* (to be capable of being true and capable of being false)”. HACKER, *op. cit.*, 2017, p. 214, grifo nosso.

46 GLOCK, Hans-Johann. Necessity and normativity. In.: SLUGA, Hans; STERN, David G (editores). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. New York: Cambridge University Press, 1996b, p. 200, tradução nossa. “[...] only empirical propositions are meaningful”.

47 Tal tese será de suma importância para o *Círculo de Viena*, bem como para o movimento do *Positivismo Lógico* em geral. Cf. CARNAP, Rudolf; HAHN, Hans; NEURATH, Otto. A concepção científica do mundo – O círculo de Viena. Tradução de Fernando Pio de Almeida Fleck. In.: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. v. 10 (1986): Série 1, Campinas, SP, p. 5-20.

48 No alemão: *Bedeutung*. Outra tradução possível é *referência*.

49 No alemão: *Sinn*.

50 O *Círculo de Viena* identificou no caráter extralógico da determinação do valor de verdade das proposições elementares a necessidade da instauração de um critério de verificação para atribuição do sentido das proposições atômicas: o *critério de verificabilidade*. De modo que,

Se apenas as proposições que apresentam condições de verdade são proposições com sentido (*sinnvoll*), as tautologias e contradições são proposições *sem sentido* (*sinnlos*)⁵¹, na medida em que nada figuram. A tautologia é “verdadeira incondicionalmente” e a contradição “sob nenhuma condição”⁵². Tais proposições da lógica são consideradas casos de “[...] degeneração das proposições”⁵³, ou casos-limite da proposicionalidade⁵⁴, pois mesmo sendo bem formadas, esvaziam-se de sentido. Vale ressaltar que embora sem sentido (*sinnlos*) elas não são *contrassensos* (*Unsinn*), como veremos adiante:

De todas as funções de verdade possíveis, há dois casos limitantes, a saber, quando a combinação é verdadeira independentemente da distribuição dos valores de verdade e quando é falsa independentemente da distribuição dos valores de verdade. Esses são casos-limites na medida em que não dizem nada: eles são verdadeiros, aconteça o que acontecer (tautologias), ou falsos, aconteça o que acontecer (contradições). Portanto, eles não nos dão nenhuma informação sobre como as coisas estão. Por isso, são sem sentido (não *contrassensos*, pois são bem formadas). Elas são necessariamente verdadeiras ou necessariamente falsas. As *primeiras* são as proposições da lógica. O preço que as tautologias pagam por sua necessidade, por assim dizer, é sua vacuidade. [...]. A lógica é um cálculo, e as verdades lógicas não são descrições de nada. Mas elas mostram as propriedades lógicas do mundo.⁵⁵

A partir dessas considerações gerais acerca da teoria da figuração encontrada no *Tractatus*, será exposto o desdobramento decorrente dessa tese, a saber, o de que as pretensas proposições da metafísica são, na verdade, *pseudoproposições* ou *contrassensos*.

determinar o sentido de uma proposição depende da possibilidade de tal proposição ser verificada.

51 Cf. TLP, 4.46; 4.461; 4.4611; 4.462.

52 Cf. TLP, 4.461.

53 WHITE, Roger M. Logic and the Tractatus. In.: GLOCK, Han-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 295.

54 Cf. SANTOS, *op. cit.*, p. 83. Cf. TLP, 4.466.

55 HACKER, *op. cit.*, 2017, p. 215, tradução nossa: “Of all the possible truth functions, there are two limiting cases, namely, when the combination is true no matter what the distribution of truth values, and when it is false no matter what the distribution of truth values. These are limiting cases in as much as they say nothing: they are true come what may (tautologies), or false come what may (contradictions). So, they give us no information about how things stand. So, they are senseless (not nonsense, since they are well formed). They are necessarily true, or necessarily false. The former are the propositions of logic. The price that tautologies pay for their necessity, so to say, is their vacuity. They say nothing. [...]. All the propositions of logic say the same, to wit – nothing. So, there is no logical knowledge. So, there can be no science of logic (there cannot be a science all the propositions of which say nothing). Logic is a calculus, and logical truths are not descriptions of anything. But they show the logical properties of the world”.

4 O místico, a inefabilidade e o silêncio

Nesta seção será realizada uma perscrutação acerca de alguns elementos intrínsecos à filosofia do *Tractatus* que sugerem uma *filosofia da religião* subjacente à obra. Tais elementos estariam presentes nas reflexões acerca do *místico*, caracterizado pela em sua condição de sentimento *sub specie aeterni* e inefabilidade fadada ao imperativo do silêncio, bem como no conceito de *Deus*, pertencente a esse domínio místico. Mas antes, faz-se necessário uma exposição a respeito dos chamados *contrassensos*, *i.e.*, as tentativas de transgressões dos limites do dizível.

Quais são as proposições dotadas de sentido? Para Wittgenstein, são as proposições da ciência natural⁵⁶, já que elas figuram estados de coisas possíveis. Tais proposições conservam sua bipolaridade, de forma que salvaguardam suas condições de verdade. Suas proposições complexas são funções de verdade (*Wahrheitsfunktion*) de proposições elementares, sendo essas últimas funções de verdade de si próprias⁵⁷. E as proposições da filosofia? Para Wittgenstein, não são sequer proposições.⁵⁸

É importante salientar uma importante distinção realizada por Wittgenstein entre proposições *sem sentido* (*sinnlos*) e *contrassensos* (*Unsinn*). As proposições da lógica não figuram fatos do mundo pois não oferecem condições de verdade. As tautologias são incondicionalmente verdadeiras e as contradições sob nenhuma condição; elas se esvaziam de sentido já que não conservam condições de verdade. Não obstante, elas são *bem formadas*, *i.e.*, “[...] elas obedecem às regras da sintaxe lógica”⁵⁹ e “pertencem ao simbolismo”⁶⁰. Com efeito, as proposições da lógica apresentam uma vacuidade de sentido, apesar de serem bem formadas. Explica Glock:

As proposições da lógica são “tautologias” e “contradições”. Sua necessidade simplesmente reflete o fato de que, por meio de operações de funções de verdade, elas combinam proposições elementares bipolares de tal forma que todas as informações são canceladas. Elas excluem e, portanto, *não dizem nada*, o que significa (na terminologia de Wittgenstein) que são “sem sentido”, *i.e.*, têm zero sentido (conteúdo factual). “Está chovendo” diz algo verdadeiro ou falso, assim como “Não está chovendo”. Por outro lado, “Ou está chovendo ou não está chovendo” não diz nada sobre o clima, nem sobre qualquer outra coisa.⁶¹

56 Cf. TLP, 6.53.

57 Cf. TLP, 5.

58 Cf. TLP, 4.003; 6.42; 6.53.

59 LOOMI, Eric. Necessity and Apriority. In.: GLOCK, Han-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 348, tradução nossa: “[...] they obey the rules of logical syntax”.

60 TLP, 4.4611.

61 GLOCK, Hans-Johann. Philosophy and Philosophical Method. In.: GLOCK, Han-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 235, tradução nossa: “The propositions of logic are “tautologies” and “contradictions.” Their necessity simply reflects the fact that through truth-functional operations they combine bipolar elementary propositions in such a way that all information cancels out. They exclude and hence *say nothing*,

Contudo, diferentemente das proposições da lógica que são bem formadas, mas sem sentido (*sinnlos*), as proposições metafísicas ou filosóficas não são apenas sem sentido, são de tal modo malformadas que resultam em contrassensos (*Unsinn*), *i.e.*, suas condições de verdade são impossíveis.

A ideia de uma proposição ser *bem formada* ou *malformada* está ligada à concepção de *sintaxe lógica* e de *variáveis ligadas*. As proposições da lógica, apesar de sem sentido (*sinnlos*), são bem formadas pois obedecem às regras da sintaxe lógica e suas variáveis são ligadas (*bound variables*)⁶², *i.e.*, elas contêm um conceito material. Ao contrário, as sentenças metafísicas são malformadas pois não obedecem a sintaxe lógica, já que “[...] violam regras lógico-sintáticas e categorias lógico-semânticas, [...]”⁶³ e suas variáveis não são ligadas (*unbound variables*)⁶⁴, *i.e.*, utilizam conceitos formais. “Elas transgridem as regras da sintaxe lógica, empregando o que são, de fato, variáveis não ligadas como se fossem valores de variáveis (conceitos formais como se fossem conceitos materiais)”⁶⁵. Alguns trechos de um artigo de Hacker ajudam a esclarecer tal questão:

A essência de uma proposição não é meramente ser bivalente (verdadeira ou falsa), mas ser bipolar (ser capaz de ser verdadeira e capaz de ser falsa). Isso decorre do fato de a proposição ter um sentido, ou seja, ser essencialmente uma imagem de uma possibilidade que pode ou não ser obtida. Isso também fornece mais uma razão pela qual as proposições metafísicas, como “Um é um número” ou “Vermelho é uma cor”, não fazem sentido. Elas não são bipolares e não são imagens da realidade.⁶⁶

Assim, por exemplo, as palavras “cor” e “som” significam formas de objetos visuais e auditivos, respectivamente. Se apresentadas explicitamente como variáveis, por exemplo, “()c” e “()s”, é óbvio que o que parece ser uma proposição metafísica necessária, por exemplo, “vermelho é uma cor”, *não é*

which means (in Wittgenstein's terminology) that they are “senseless,” *i.e.*, have zero sense (factual content). “It is raining” says something true or false, and so does “It is not raining.” By contrast, “Either it is raining or it is not raining” says nothing about the weather, nor about anything else”.

62 Cf. HACKER, *op. cit.*, 2017, p. 212-213; 216-217.

63 HANNA, Robert. Wittgenstein and Kantianism. *In.*: GLOCK, Han-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 686, tradução nossa: “[...] violate logico-syntactic rules and logico-semantic categories [...]”.

64 Cf. HACKER, *op. cit.*, 2017, p. 212-213; 216-217.

65 HACKER, Peter M. S. How the “Tractatus” was meant to be read. *The Philosophical Quarterly* (1950-), v. 65, N. 261, October 2015, p. 665, tradução nossa: “They transgress the rules of logical syntax, employing what are, in effect, unbound variables as if they were values of variables (formal concepts as if they were material concepts)”.

66 HACKER, *op. cit.*, 2017, p. 214, tradução nossa: “It is the essence of a proposition not merely to be bivalent (either true or false) but to be bipolar (to be capable of being true and capable of being false). This follows from the proposition's having a sense, *i.e.*, being essentially a picture of a possibility that may or may not obtain. It also gives a further reason why metaphysical propositions, such as ‘One is a number’ or ‘Red is a color’ are nonsense. They are not bipolar, and they are not pictures of reality”.

uma proposição bem formada, pois contém uma variável não ligada: “vermelho ()c”. Portanto, é um mero contrassenso.⁶⁷

Todos eles empregam conceitos formais (como cor, número, fato, objeto, proposição) como se fossem conceitos materiais. Assim, as sentenças da metafísica, como “O mundo consiste em fatos”, “Vermelho é uma cor”, [...] são, na verdade, malformadas. Na verdade, elas contêm um conceito formal, ou seja, uma variável não ligada, desempenhando o papel de um conceito material. Portanto, eles são, tecnicamente falando, *contrassensos* [...].⁶⁸

Estabelecida a diferença entre proposições com sentido (*sinnvoll*), sem sentido (*sinnlos*) e contrassenso (*Unsinn*), pode-se perscrutar com maior segurança o obscuro domínio do *místico*.

A primeira menção ao místico no *Tractatus* ocorre no aforismo 6.44: “O Místico não é *como* o mundo é, mas *que* ele é”⁶⁹. No aforismo que segue (6.45) Wittgenstein expressamente define o místico como um sentimento (*Gefühl*) “[...] o sentimento do mundo como totalidade limitada [...]”⁷⁰. E por fim, revela ser o místico aquilo que é o inefável ou o indizível (*unaussprechlich*)⁷¹. Esses são os três momentos em que Wittgenstein faz referência direta àquilo que o *Tractatus* ao longo de todos os seus aforismos tangencia, a saber, aquilo de que não se pode falar.

O misticismo de Wittgenstein pode englobar três aspectos gerais, como resume Glock: “[...] o *Tractatus* diretamente caracteriza o místico através de três elementos: ele é o paradigma do que é inexpressível e se mostra; é o conteúdo de uma atitude, ‘experiência’ ou sentimento; é a existência do mundo”⁷². Como sintetiza Pinto:

No aforismo 6.45, o místico é identificado com o *sentimento do mundo como totalidade limitada*, que envolve a contemplação do mundo *sub specie aeterni*. O místico não está relacionado a *como* o mundo é, mas a *que* ele é. Nesta perspectiva, a ética e a lógica são *transcendentais*. Muito possivelmente, elas se

67 *Ibid.*, p. 213, grifo nosso, tradução nossa: “So, for example, the words ‘color’ and ‘sound’ signify forms of visual and auditory objects respectively. If presented explicitly as variables, e.g., ‘()c’ and ‘()s’, it is obvious that what appears to be a necessary metaphysical proposition, e.g., ‘red is a color’, is not a well-formed proposition at all, since it contains an unbound variable: ‘red () c’. So it is a mere nonsense”.

68 *Ibid.*, p. 217, tradução nossa: “They all employ formal concepts (such as color, number, fact, object, proposition) as if they were material concepts. So the sentences of metaphysics, such as ‘The world consists of facts’, ‘Red is a color’, [...] are actually ill formed. They in effect contain a formal concept, i.e., an unbound variable, in the role of a material one. So they are, technically speaking, *nonsense* [...]”.

69 TLP, 6.44.

70 TLP, 6.45.

71 Cf. TLP, 6.522.

72 GLOCK, *op. cit.*, 1996a, p. 252, tradução nossa: “[...] the *Tractatus* directly characterizes the mystical through three features: it is the paradigm of what is ‘inexpressible’ and shows itself; it is the content of an attitude, ‘experience’ or feeling; it is the existence of the world”.

fundem no sentimento místico: a visão da essência (*quid*) da linguagem e do mundo como totalidade limitada é dada pela lógica e a ativação do sujeito transcendental para contemplar esta mesma essência é propiciada pela ética. Neste caso, a lógica mostra essência do mundo, enquanto manifestação da vontade a ética mostra o sujeito transcendental, enquanto outra manifestação desta mesma vontade. A lógica ensina-nos que é irracional tentar ultrapassar os limites da linguagem e a ética ensina-nos que é imoral tentar fazer isto.⁷³

O sentimento místico é a florado a partir de uma intuição ou perspectiva (*Anschauung*) do mundo *sub specie aeterni*⁷⁴, que acusa a totalidade do mundo e o delineamento explícito de seus limites. Essa intuição ou perspectiva do mundo como uma totalidade-limitada (*begrenztes -Ganzes*)⁷⁵ é a que percebe a totalidade do mundo traçada como que por uma linha, *i.e.*, *circunscrita*. Dessa forma, essa circunscrição suscita “[...] o sentimento de que há algo *além* do mundo”⁷⁶, um sentimento metafísico daquilo que está para além dos contornos do limite: “O sentimento místico é a sensação de que o mundo não é tudo, que há algo fora dele, seu ‘sentido’ ou ‘significado’”⁷⁷. Explica Black:

[...] “limitar” qualquer coisa é contrastá-la com outra coisa, como quando, ao traçar uma linha de fronteira, contrastamos o que está dentro da linha com o que está fora. Assim, admirar a existência de um mundo (6.44) é conceber (*per impossibile*) que ele poderia não ter existido, ou seja, pensar em algo que não seja o mundo como excluído. [...] o misticismo nasce da admiração pela substância do mundo e pode ser expresso como o pensamento: “Que estranho que haja quaisquer objetos”.⁷⁸

73 PINTO, *op. cit.*, 2002, p. 506-507.

74 “Do ponto de vista do eterno”. Cf. TLP, 6.45. Essa ideia aparece também nos *Notebooks*, como lembra Jacqueline: “The semantic dimensions of transcendent value are implicit in the *Notebooks* 1914–16, but clearly spelled out in the *Tractatus* transcendence passages (see e.g., NB 24.7.16 and 21.10.16; cf. Barrett, 1991, pp.30, 60–3). Wittgenstein elaborates on the insight in a Spinozistic entry that complements his Schopenhauerian transcendentalism in the *Notebooks*: ‘The work of art is the object seen *sub specie aeternitatis*; and the good life is the world seen *sub specie aeternitatis*. This is the connexion between art and ethics’ (NB 7.10.16)”. JACQUETTE, Dale. Wittgenstein and Schopenhauer. In.: GLOCK, Han-Johann; HYMAN, John. *A companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 65.

75 *Ibid.*

76 BLACK, Max. *op. cit.*, p. 373, tradução nossa: “[...] the feeling that there is something *beyond* the world”.

77 *Ibid.*, p. 375, tradução nossa: “The mystical feeling is the feeling that the world is not everything, that there is something outside it, its ‘sense’ or ‘meaning’”.

78 *Ibid.*, tradução nossa: “to ‘limit’ anything is to contrast it with something else, as when in drawing a boundary line we contrast what is inside the line with what is outside. Thus to wonder at there being a world at all (6.44) is to conceive (*per impossibile*) that it might not have existed, *i.e.* to think of something other than the world as excluded. [...] mysticism springs from wonderment at the substance of the world and might be expressed as the thought, ‘How strange that there should be any objects’”.

O místico para Wittgenstein “[...] revela que o mundo tem uma estrutura essencial e tem fundamentos absolutos, mas que estes são, por princípio, inacessíveis à representação proposicional”⁷⁹. Proposições não tem a capacidade de representar tais conteúdos, *i.e.*, “Proposições não podem exprimir nada de mais alto”⁸⁰. Frente a impossibilidade discursiva da metafísica em termos proposicionais, resta a “‘experiência’ metafísica”⁸¹, ou seja, de que se pode apenas experimentar os limites do mundo e não os expressar. Tal experiência “[...] aciona uma disposição metafísica natural”⁸², sendo que, se tal inclinação metafísica for devidamente dirigida, ela conduz ao misticismo, caso contrário levará inevitavelmente a contrassensos⁸³. Assim, depois de desqualificar o empreendimento da metafísica em termos proposicionais, Wittgenstein irá recuperá-la “[...] no plano do sentimento e da revelação”.⁸⁴

É precisamente o conteúdo inefável do sentimento místico que interessava a Wittgenstein, mesmo sabendo que qualquer tentativa de o expressar recairia em contrassensos. Assim declarou o autor em uma carta escrita em 1919 a um editor: o *Tractatus* “[...] consiste em duas partes: o que está sendo considerado aqui e tudo o que eu não escrevi. E é precisamente essa segunda parte que é a importante (SP, 94)”⁸⁵. Os dizeres contidos nessa carta revelam o ponto fulcral do trabalho de Wittgenstein no *Tractatus*: o que realmente importa não pode ser expresso, mas apenas denunciado em sua vã tentativa de emergir das profundezas da intuição à superfície do discurso proposicional.

A importância reservada ao místico por Wittgenstein é o ponto definidor para operar uma diferenciação entre a postura de Wittgenstein no *Tractatus* e a interpretação que o *Círculo de Viena* fez de sua obra. Carnap, um dos mais importantes nomes do *Círculo*, em sua autobiografia intelectual, revela detalhes de como ele e os demais se equivocaram em relação as intenções de Wittgenstein no *Tractatus*:

Anteriormente, quando estávamos lendo o livro de Wittgenstein no *Círculo*, eu acreditava erroneamente que sua atitude em relação à metafísica era semelhante à nossa. Eu não havia prestado atenção suficiente às suas proposições sobre o místico, já que seus sentimentos e pensamentos nesse campo divergiam bastante dos meus. Somente o contato pessoal com ele me ajudou a ver mais claramente sua atitude em relação a esse ponto.⁸⁶

79 SANTOS, *op. cit.*, p. 104.

80 TLP, 6.42.

81 SANTOS, *op. cit.*, p. 104.

82 *Ibid.*

83 *Ibid.*

84 *Ibid.*

85 HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 178, tradução nossa: “[...] consists of two parts: of that which is under consideration here and of all that I have not written. And it is precisely this second part that is the important one” (SP, 94)”.

86 CARNAP, Rudolf. *Autobiografia intelectual*. Ediciones Paidós. I.C.E de la Universidad Autónoma de Barcelona, 1992, p. 63, tradução nossa: “Antes, cuando leíamos el libro de Wittgenstein en el *Círculo*, creía erróneamente que su actitud hacia la metafísica era similar a la nuestra. No había prestado suficiente atención a sus proposiciones sobre la mística, puesto que sus

Se das sentenças da metafísica em geral, não é possível extrair qualquer sentido, qual seria o lugar de Deus e da fé no *Tractatus*? Deus é mencionado quatro vezes em toda obra, e apenas a última menção adquire contornos religiosos: “Como seja o mundo, é completamente indiferente para o Altíssimo. Deus não se revela *no mundo*”⁸⁷. Tal aforismo é explicado por Hyman do seguinte modo:

[...] Wittgenstein talvez quisesse insinuar que Deus se revela no fato de que o mundo existe, no fato de que “há o que há” - embora não devamos esquecer que isso não é, estritamente falando, um fato, e é, portanto, impossível de afirmar (NB, p. 86). [...] Não devemos imaginar que isso seja um argumento para a existência de Deus. De fato, seria um argumento estranho se fosse essa a intenção de Wittgenstein - um argumento com uma premissa sem sentido e uma conclusão sem sentido. O que se pode pretender, entretanto, é que uma atitude religiosa seja uma atitude em relação ao mundo *como um todo*, uma atitude na qual não é a forma *como as coisas acontecem no mundo* que absorve nossa atenção, mas que ele existe. E uma atitude religiosa também pode ser descrita como, em certo sentido, um reconhecimento de Deus, embora, é claro, seja uma atitude que nunca devemos tentar articular *dizendo* que Deus existe: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (TLP, p. 7).⁸⁸

O que o místico revela no *Tractatus* é a própria inefabilidade de determinados temas, tais como, a lógica, a ética, a estética e o próprio conceito de Deus. A experiência do místico em sua íntima inefabilidade é a constatação do fato de *que* o mundo é e não de *como* é⁸⁹. O inefável, por não poder ser *dito*, se *mostra*. O místico se reporta ao inexprimível, mas que, não obstante, se mostra claramente. Nesse sentido, tratar de uma filosofia da religião no *Tractatus* seria tratar de uma *filosofia silenciosa da religião*. Tradicionalmente, a filosofia da religião se caracteriza pela articulação discursiva sobre determinado objeto da religião, tal como Deus ou a própria religião em geral. No *Tractatus*, o que está abscôndito é precisamente o que deve ser destacado. Por essa razão é que a filosofia da religião no *Tractatus*, se tomada no sentido tradicional, pode ser considerada uma *filosofia silenciosa da*

sentimientos y pensamientos en ese campo divergían bastante de los míos. Sólo el contacto personal con él me ayudó a ver más claramente su actitud en este punto”.

87 TLP, 6.432.

88 HYMAN, *op. cit.*, p. 177, tradução nossa: “[...] Wittgenstein may have wanted to intimate that God reveals himself in the fact that the world exists, the fact that ‘there is what there is’ – though we must not forget that this is not strictly speaking a fact at all, and is therefore impossible to state (NB, p. 86). [...] We should not imagine that this is meant to be an argument for God’s existence. It would be a strange argument indeed, if this had been what Wittgenstein intended – one with a nonsensical premise and a nonsensical conclusion. What may be intended, however, is that a religious attitude is an attitude toward the world *as a whole*, an attitude in which it isn’t *how things happen to be in the world* that absorbs our attention, but *that it exists*. And a religious attitude can also be described as, in some sense, an acknowledgement of God, although of course it is an attitude which we must never attempt to articulate by *saying* that God exists: ‘What we cannot speak about we must pass over in silence’ (TLP, p. 7)”.

89 Cf. TLP, 6.44.

religião. Com efeito, a constatação que se chega é que sobre Deus nada pode ser dito, mas apenas experienciado. O fato de Wittgenstein ofertar aforismos mencionando *Deus* e/ou o *Altíssimo*, não significa que ele articule, *stricto sensu*, um discurso sobre Deus e a religião. Tais aforismos que mencionam Deus e/ou o Altíssimo fazem parte dos *degraus da escada* que deve ser sobrepujada para se ver o mundo claramente⁹⁰, *i.e.*, Wittgenstein, ao que parece, reconhece *algo* como Deus a partir de um profundo sentimento metafísico, contudo, se furta a discorrer proposicionalmente acerca de tal sentimento, enclausurando-o no domínio da inefabilidade mística.

As sentenças a respeito de Deus e/ou a respeito da religião diferem-se das proposições que figuram fatos contingentes, e é justamente por isso que não podem ser expressas por meio de proposições com sentido (*sinnvoll*). Como destaca Glock, a religião é parte do domínio místico, assim, “Ao contrário da lógica da linguagem, mas como a ética, ela é demonstrada não por proposições significativas, mas por ações e atitudes”.⁹¹

Cabe destacar que, diferentemente do que afirma Josef Seifert⁹², de que a crítica de Wittgenstein aos contrassensos exclui toda a relação da pessoa humana com o Absoluto, a dimensão mística de Wittgenstein revela um lugar de relação íntima do indivíduo com a totalidade-limitada do mundo. Como esclarece Pinto:

Para Wittgenstein, em oposição, o facto de a ciência não ser capaz de justificar logicamente o sentido da vida que se mostra de maneira mística apenas revela a impotência do discurso racional para expressar o que é de facto significativo. O verdadeiro conhecimento é intuitivo, dispensando as justificativas racionais. No domínio místico, que envolve o sentimento da unidade de todas as coisas, a única atitude correcta é o silêncio. [...]. Em oposição, Wittgenstein reconhece a importância fundamental do místico em nossas vidas, mas apenas faz *alusão* ao tema, porque se coloca na perspectiva contemplativa do *filósofo* e do *artista*, preocupados com o *quid* inexprimível.⁹³

Além disso, não é o caso que Wittgenstein considerava o conteúdo proposicional da teologia de forma desrespeitosa ou até mesmo de forma pejorativa. Diferentemente da postura encontrada no positivismo lógico, Wittgenstein respeitava a crença religiosa pois a considerava como “[...] uma tendência profunda nos seres humanos [...]”⁹⁴. Sua postura

90 Cf. TLP, 6.54.

91 GLOCK, *op. cit.*, 1996a, p. 320, tradução nossa: “Unlike contingent facts, religion cannot be expressed in meaningful propositions, it can only be shown. Unlike the logic of language, but like ethics, it is shown not by meaningful propositions, but by one’s actions and attitudes”.

92 Cf. SEIFERT, Josef. Pessoa, crença religiosa e verdade - análises filosóficas e reflexões sobre a filosofia da religião de Ludwig Wittgenstein. Trad. Roberto Hofmeister Pich. In.: PICH, Hofmeister Roberto. ZILLES, Urbano (Orgs.). *Filosofia, religião e ciência*. Porto Alegre: Edições EST, 2009, p. 129.

93 PINTO, Paulo Roberto Margutti. Crítica da linguagem e misticismo no Tractatus. *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 58, p. 497-518, 2002, p. 511.

94 PHILLIPS, Dewi Zephaniah. Wittgensteinianism: Logic, Reality, and God. In.: WAINWRIGHT, William J. *The Oxford handbook of philosophy of religion*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 447, tradução nossa: “[...] a deep tendency in human beings [...]”.

polida em relação a elas fez com que, à época do *Tractatus*, conflitasse internamente consigo mesmo sobre como o sentido das proposições religiosas, bem como da metafísica em geral, poderia ser compreendido.⁹⁵

Delineado o limite do dizível, as *sentenças filosóficas*⁹⁶ se mostrariam embustes linguísticos, ilusões oriundas da má aplicação e entendimento da lógica de nossa linguagem. De tal forma, a filosofia não teria mais nada a dizer, na verdade nunca o teve. O que resta para a filosofia é se tornar uma atividade e não um conjunto de proposições. Ela não pode ser uma doutrina. *Filosofia* deve ser uma atividade que tem por objetivo desviar dos caminhos que conduzem a contrassensos e obscuridades linguísticas. Como expressa o próprio Wittgenstein no *Tractatus*:

O fim (sua meta) da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações. [...] Cumpre a filosofia tornar claros e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos.⁹⁷

Diante da impossibilidade da expressão proposicional da metafísica, Wittgenstein alerta aos desavisados de que os enunciados do próprio *Tractatus* se configuram como contrassensos⁹⁸. Os aforismos do *Tractatus* são tentativas de dizer o que não pode ser dito, mas apenas mostrado. Wittgenstein tem uma intenção ao escrever suas “[...] sentenças meticulosamente elaboradas e intencionalmente malformadas [...]”⁹⁹, a saber, fazer com que o leitor apreenda o que não está sendo propriamente dito. Seus contrassensos prestam a um serviço: são degraus de uma escada que, como o filósofo descreve, “[...] após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.). Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente”¹⁰⁰. Terá atingido um “[...] ponto de vista lógico correto”¹⁰¹. Quem o entende compreenderá que a única tarefa da filosofia é “[...] analisar proposições e conter os impulsos metafísicos de transgredir os limites do dizível”¹⁰². E, quando o ímpeto metafísico se mostrar, o leitor deverá buscar a clausura mística da contemplação silenciosa. Terá, por fim, compreendido o *Tractatus*: “Wovon man nicht sprechen kann, darüber muss man schweigen”¹⁰³.

95 Cf. CARNAP, *op. cit.*, p. 62-63.

96 Por vezes tratadas como “sentenças metafísicas”. Wittgenstein aloca os termos *filosófico* e *metafísico* num mesmo plano. Cf. TLP, 4.003; 6.53.

97 TLP, 4.112.

98 Cf. TLP, 6.54.

99 HACKER, *op. cit.*, 2017, p. 211, tradução nossa: “[...] meticulously crafted and intentionally ill-formed sentences [...]”.

100 TLP, 6.54.

101 HACKER, *op. cit.*, 2017, p. 211, tradução nossa: “[...] correct logical point of view”. Cf. TLP, 4.1213.

102 *Ibid.*, tradução nossa: “[...] analysis of propositions and the curbing of the metaphysical impulse to transgress the limits of language”.

103 No português: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”. TLP, 7.

5 Considerações Finais

A teoria da figuração de Wittgenstein permite circunscrever o plano do dizível a partir de proposições que podem afigurar determinados estados de coisas. Nesse sentido a teoria da figuração funciona como um pressuposto fundamental para compreender no que se constitui e qual é a função da representação proposicional. A proposição, portanto, é o que figura estados de coisas possíveis. As categorias de *sentido* e *significado* detêm concepções bem definidas na filosofia do *Tractatus*: *Sentido* é uma propriedade que se mostra no ato projetivo da figuração de um estado de coisas possível quando os elementos da figuração detêm significado ou respeitam a sintaxe lógica. *Significado* é a relação referencial estabelecida entre os elementos constitutivos da proposição projetada/figurada e os elementos do fato afigurado.

A partir da crítica à proposição é que se pode determinar os limites do dizível. Com efeito, a tentativa de transgredir tal limite caracteriza os chamados contrassensos. Para Wittgenstein os contrassensos são constructos linguísticos que não figuram nada e por isso são destituídos de condições de verdade *V* ou *F*. Nesse sentido, os contrassensos se constituem de uma absurdidade congênita, *i.e.*, são anomalias proposicionais que tem em seu fundamento estrutural lógico-sintático a causa de sua absurdidade. A metafísica, portanto, enquanto conjunto de pretensas proposições, não figura nada. São contrassensos destituídos de condições de verdade, pois não conferem significado aos elementos de suas proposições e/ou ferem a sintaxe lógica.

Sendo impossível exprimir determinados conteúdos, do ponto de vista proposicional, resta ao filósofo experimentar o sentimento místico do inefável que conduz à prudente contemplação silenciosa.

Referências

ARISTÓTELES. *Da Interpretação*. Trad. José Veríssimo Teixeira da Mata. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BARBOSA FILHO, Balthazar Aristóteles e o princípio de bivalência. *Analytica*. v. 9, n. 1, p. 174-184, 2005.

BLACK, Max. *A Companion to Wittgenstein's 'Tractatus'*. New York: Cornell University Press, 1964.

CARNAP, Rudolf. *Autobiografia intelectual*. Ediciones Paidós. I.C.E de la Universidade Autònoma de Barcelona, 1992.

CARNAP, Rudolf; HAHN, Hans; NEURATH, Otto. *A concepção científica do mundo – o círculo de Viena*. Tradução de Fernando Pio de Almeida Fleck. *In.*: Cadernos de História e Filosofia da Ciência. v. 10 (1986): Série 1, Campinas, SP, p. 5-20.

CARVALHO, Marcondes Rocha. Wittgenstein e a verdade. *Investigação Filosófica*. Macapá, v. 11, n. 1, p. 19-30, 2020.

- CHEUNG, Leo K. C. Logical Atomism. In.: GLOCK, Hans-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 127-140.
- DALL'AGNOL, Darlei. Ética no segundo Wittgenstein vista a partir de Loparic. *Kant e-Prints*. Campinas, Série 2, v. 5, n. 3, p. 2-13, número especial, jul.- dez., 2010.
- GLOCK, Hans-Johann. *A Wittgenstein Dictionary*. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 1996a.
- GLOCK, Hans-Johann. Philosophy and Philosophical Method. GLOCK, Hans-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 231-251.
- GLOCK, Hans-Johann. Necessity and normativity. In.: SLUGA, Hans; STERN, David G (editores). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. New York: Cambridge University Press, 1996b, p. 198-225.
- HACKER, Peter M. S. Metaphysics: From ineffability to Normativity. In.: GLOCK, Hans-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 209- 227.
- HACKER, Peter M. S. How the “Tractatus” was meant to be read. *The Philosophical Quarterly* (1950-), v. 65, N. 261, october 2015, p. 648-668.
- HANNA, Robert. Wittgenstein and Kantianism. In.: GLOCK, Hans-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 682-698.
- HYMAN, John. Wittgenstein. In.: TALIAFERRO, Charles; DRAPER, Paul; QUINN, Philip L. (editors). *A Companion to Philosophy of Religion*. USA: Wiley-Blackwell (Blackwell companions to philosophy), 2010, p. 176-188.
- JACQUETTE, Dale. Wittgenstein and Schopenhauer. In.: GLOCK, Hans-Johann; HYMAN, John. *A companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 59-73.
- MORTARI, Cezar Augusto. *Introdução à lógica*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- PHILLIPS, Dewi Zephaniah. Wittgensteinianism: Logic, Reality, and God. In.: WAINWRIGHT, William J. *The Oxford handbook of philosophy of religion*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 447-471.
- PINTO, Paulo Roberto Margutti. Crítica da linguagem e misticismo no Tractatus. *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 58, p. 497-518, 2002.
- PINTO, Paulo Roberto Margutti. *Iniciação ao silêncio: Uma análise do Tractatus de Wittgenstein como forma de argumentação*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. Coleção Filosofia.
- RUSSEL, Bertrand. *The Philosophy of Logical Atomism*. Abingdon: Routledge, 2009.
- SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. A essência da proposição e a essência do mundo. In.: WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Introdução de Bertrand Russell. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 11-112.
-

SEIFERT, Josef. Pessoa, crença religiosa e verdade - análises filosóficas e reflexões sobre a filosofia da religião de Ludwig Wittgenstein. Trad. Roberto Hofmeister Pich. In.: PICH, Hofmeister Roberto. ZILLES, Urbano (Orgs.). *Filosofia, religião e ciência*. Porto Alegre: Edições EST, 2009.

VON WRIGHT, George Henrik. *The Tree of Knowledge and Other Essays*. Leiden; New York; Koln: Brill, 1993. (Philosophy of history and culture; Vol. 11).

WHITE, Roger M. Logic and the Tractatus. In.: GLOCK, Han-Johann; HYMAN, John. *A Companion to Wittgenstein*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2017, p. 293-304.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Trad. M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. [Introdução de Bertrand Russell]. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

WOLTERSTORFF, Nicholas. Epistemologia da religião. In.: GREGO, John; ERNEST, Sosa. *Compêndio de epistemologia*. Trad. Alessandra Siedschlag Fernandes, Rogério Bettoni. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 492.